

TECENDO RESISTÊNCIAS LGBTQIAPN+ NA EDUCAÇÃO: a construção de atos de currículo na cibercultura contra os silenciamentos

Manuela Carvalho Rodrigues¹

Leonardo Zenha²

Resumo

O presente estudo relata as itinerâncias do processo de pesquisa desenvolvido em uma Escola de Ensino Fundamental e Médio, a partir da perspectiva de professores-pesquisadores-formadores. O objetivo é questionar o currículo escolar e discutir a temática LGBTQIAPN+ no cotidiano do espaço educacional (Alves, 2019), promovendo atos de currículo (Macêdo, 2011) que contribuam para a autoformação e a formação dos estudantes, com o uso de mídias digitais e a construção de dispositivos autorais. A pesquisa adotou a metodologia da pesquisa-formação na cibercultura (Santos, 2019), que viabilizou a construção de atos de currículo voltados para a discussão de uma temática frequentemente silenciada na escola: a sexualidade. O trabalho foi desenvolvido por meio do projeto Cine da Diferença e de rodas de conversa, que estimularam a criação de materiais autorais, como cards no *Canva* e vídeos no *TikTok*, posteriormente postados na página do Instagram *@juntos_e_diferentes*. Os resultados evidenciaram que o debate sobre a diferença (Paraíso, 2023) começou a se consolidar no ambiente da sala de aula, especialmente por meio do dispositivo “Juntos_e_Diferentes”, que questiona a cisheteronormatividade. As produções dos estudantes fortaleceram sua participação ativa na construção de novas práticas curriculares, culminando na criação da página no Instagram, que funciona como espaço de compartilhamento e reflexão. Verificou-se que o currículo escolar ainda se apresenta como um artefato rígido, resistente a rupturas. No entanto, foi possível identificar avanços, ainda que iniciais, na direção de um currículo rizomático (Deleuze; Guattari, 1995), formativo (Macêdo, 2011) e voltado para a diferença (Paraíso, 2023), articulado à cibercultura (Santos, 2019). Esses avanços apontam para a possibilidade de

¹ Mestra em Currículo e Gestão da Escola Básica, pela Universidade Federal do Pará(2023). Trabalha como professora, desde 2008, e técnica em educação, a partir de 2012, na Secretaria de Estado de Educação-SEDUC/PAMembro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia Moderna e Contemporânea-COGITANS. Membro do Grupo de Estudos Grãos-Experiências Educativas Mediadas pelas TIC'S . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1907-0258> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6990495668940793> E-mail: manumailsr@gmail.com

² Professor Dedicado Exclusiva na Universidade Federal do Pará . Professor do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB) e do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC)da Universidade Federal do Pará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2474-8112> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2632651097546086> E-mail: leozenha@ufpa.br

construção de novas tessituras curriculares que contemplem a diversidade e promovam uma educação mais inclusiva.

Palavras-Chaves: Currículo; Sexualidade; Cibercultura; Multirreferencialidade; Pesquisa-formação.

WEAVING LGBTQIAPN+ RESISTANCE IN EDUCATION: the construction of curriculum acts in cyberculture against silencing.

Abstract

This study reports the journeys of the research process conducted in a Primary and Secondary School, from the perspective of teacher-researcher-trainers. The aim is to question the school curriculum and address LGBTQIAPN+ issues in the everyday life of the educational space (Alves, 2019), promoting curriculum acts (Macêdo, 2011) that contribute to the self-formation and development of students through the use of digital media and the construction of authorial devices. The research adopted the methodology of formation-research in cyberculture (Santos, 2019), which enabled the creation of curriculum acts aimed at discussing a theme often silenced in schools: sexuality. The work was carried out through the Cine da Diferença project and discussion circles, which encouraged the creation of authorial materials, such as cards on *Canva* and videos on *TikTok*, later posted on the Instagram page *@juntos_e_diferentes*. The results showed that the debate on difference (Paraíso, 2023) began to consolidate in the classroom environment, especially through the device “Juntos_e_Diferentes,” which questions cisheteronormativity. The students' productions strengthened their active participation in the development of new curricular practices, culminating in the creation of the Instagram page, which functions as a space for sharing and reflection. It was observed that the school curriculum remains a rigid artifact, resistant to ruptures. However, advances were identified, albeit initial, towards a rhizomatic curriculum (Deleuze; Guattari, 1995), formative (Macêdo, 2011), difference-centered (Paraíso, 2023), and connected to cyberculture (Santos, 2019). These advances point to the possibility of constructing new curricular textures that embrace diversity and promote more inclusive education.

Keywords: Curriculum; Sexuality; Cyberculture; Multireferentiality; Research-training.

TEJIENDO LA RESISTENCIA LGBTQIAPN+ EN LA EDUCACIÓN: la construcción curricular actúa en la cibercultura contra el silenciamiento.

Resumen

El presente estudio busca relatar los itinerarios del proceso de investigación que tuvo lugar en una Escuela Primaria y Secundaria, a partir de la perspectiva de docentes-investigadores-formadores para cuestionar el currículo y discutir la problemática LGBTQIAPN+ en el cotidiano del espacio escolar (Alves, 2019), creando actos de currículo (Macêdo, 2011), contribuyendo a la autoeducación y formación de los estudiantes a través del uso de medios digitales y la construcción de dispositivos autorales. La metodología de investigación-formación en cibercultura (Santos, 2019) permitió la construcción de actos curriculares capaces de discutir un tema rutinariamente silenciado en el espacio escolar, el de la sexualidad. La implicación con la investigación planteada por el Cine da Diferença y los círculos de conversación permitieron a nuestros profesionales culturales autorizarse, con la creación de tarjetas en *Canva* y *Tik Tok* para publicar en la página de la red social Instagram. Nuestros resultados mostraron que el debate sobre la diferencia (Paraíso, 2023) comenzó a consolidarse en las aulas, a través del dispositivo “Juntos_y_Diferentes”, cuestionando la cisheteronormatividad. Las producciones brindaron a los estudiantes una participación más efectiva en la construcción de nuevas prácticas curriculares, lo que corroboró la creación de la página de Instagram *@juntos_e_diferentes*. Se constató hasta qué punto el currículo escolar es todavía un artefacto cerrado, difícil de provocar rupturas, pero se ha avanzado, aunque de manera incipiente, hacia un currículo rizomático (Deleuze; Guattari, 1995), formativo (Macêdo, 2011), de diferencia (Paraíso, 2023), en la cibercultura (Santos, 2019), mostrando la posibilidad de otras texturas curriculares.

Palabras clave: Currículo; Sexualidad; Cibercultura; Multirreferencialidad; Investigación-formación.

PRIMEIRAS TESSITURAS

Ser educador nesse ‘*tempoespaço*’³ contemporâneo, em que inúmeras vozes e identidades se encontram e se confrontam, no cotidiano escolar,

³Nilda Alves (2019), opondo-se as dicotomias impostas pela ciência Moderna, faz a opção epistemológica de grafar as palavras juntas, usando a letra em itálico bem como as aspas

pressupõe assumirmos discursos que fomentam disputas e resistências diante dos silenciamentos impostos aos estudantes LGBTQIAPN+ (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, assexuais, intersexuais, pansexuais, não-binário). Partimos dos nossos olhares enquanto professores-pesquisadores-formadores para pensarmos juntos, com os discentes, em atos de currículo capazes de discutir a diferença, a partir de um prisma que possa romper a perspectiva liberal sobre a temática, provocando também rupturas em padrões hegemonicamente impostos. Inspiramo-nos em Macêdo (2017), o qual traz um dos conceitos norteadores da pesquisa, o de “atos de currículo”, que nos possibilitou transcender a perspectiva de um currículo formal e prescritivo para tencioná-lo dentro da sala de aula, extrapolando os conteúdos curriculares. Conforme o autor enfatiza, os atos de currículo se fundam na experiência, levando em consideração saberes e vivências dos educandos, não se restringindo apenas ao conhecimento científico, possibilitando outras maneiras de repensá-lo.

Para o processo de investigação nos orientamos pela perspectiva da “diferença”, conceito cunhado por Deleuze, em seu viés de posicionamento epistemológico e político. Essa perspectiva contrasta com o termo “diversidade”, frequentemente associado a uma abordagem liberal. A visão liberal pressupõe a existência de um padrão legítimo de comportamento sexual em relação aos demais, sugerindo que aqueles que se desviam desse padrão devem ser aceitos, tolerados e respeitados. Contudo, tal abordagem desconsidera as relações de poder e os processos sociais que produzem as diferenças (Silva, 1999).

Destarte, é importante salientar que nos afastamos da concepção arbórea que compartimentaliza e fragmenta o conhecimento em disciplinas de forma hierárquica e partimos da compreensão do currículo, na perspectiva de

simples, para mostrar outros modos de pensar as teorias, evidenciando a complexidade do cotidiano (Alves, 2019, p. 15-16).

rizoma, como um emaranhado complexo, no qual saberes e conhecimentos se conectam como um entrelaçamento de raízes. Nesse sentido, a presente pesquisa questiona a possibilidade de um currículo neutro e prescritivo em relação aos campos do saber, visto que leva à impossibilidade de se pensar a partir da diferença e da criatividade. Em consonância com a noção de currículo rizomático, trazemos a noção de rizoma fundada por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) na obra “Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia”.

Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos (Deleuze; Guattari, 1995, p. 31).

Para tanto, adotamos a metodologia da pesquisa-formação na cibercultura com uma abordagem multirreferencial centrada nos cotidianos (SANTOS, 2019), considerando a complexidade do nosso objeto de estudo: o currículo. Essa metodologia valoriza as criações e cocriações realizadas no e com o campo de pesquisa, destacando a imprescindível implicação do pesquisador com o objeto de estudo. Além disso, preza e valoriza as produções e narrativas (sonoras, verbais e imagéticas) oriundas dos cotidianos formativos (Alves, 2019). A pesquisa-formação na cibercultura tornou-se a nossa opção teórico-metodológica, capaz de captar as nuances que ficariam ‘despercebidas/invisibilizadas’ em uma pesquisa mais cartesiana. Os achados da pesquisa foram produzidos em devir, por meio da nossa escuta sensível (Barbier, 2002), das anotações no diário de bordo e da bricolagem (Kincheloe, 2004) dos dispositivos partindo de rigores outros (Macêdo, 2009), o que nos possibilita realizar a pesquisa nas humanidades.

Pensar em uma pesquisa na área da educação requer considerar o novo cenário delineado pela cultura contemporânea. Um dos conceitos fundamentais para esta análise é tomado de Levy (1999, p. 17) que denomina de cibercultura

“o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

É evidente que um estudo sobre cibercultura não pode ser dissociado desse contexto, especialmente porque os jovens – sujeitos dessa pesquisa – estão continuamente conectados ao ciberespaço, consumindo e produzindo conteúdos por meio de suas redes sociais, inclusive aqueles pertencentes às classes populares. A internet, como espaço discursivo de interações e práticas sociais, tornou-se um palco de disputas, confrontos e posicionamentos. Nesse sentido, é essencial que professores-pesquisadores-formadores se apropriem desse ambiente para criar práticas curriculares questionadoras, ou seja, ações pedagógicas que fomentem novos olhares sobre temas revestidos de preconceito ou tabus, como é o caso da sexualidade.

Neste contexto, a pesquisa foi conduzida em uma escola pública de ensino fundamental e médio, onde, juntamente com os estudantes, se problematizou a questão LGBTQIAPN+. Para fundamentar a abordagem, Macêdo (2011) diferencia implicação de engajamento. Segundo o autor, o engajamento decorre de uma escolha socialmente construída, na qual o sujeito opta por se comprometer com determinada causa ou ação. Por outro lado, a implicação não é opcional, pois implica atravessamentos inerentes ao campo de atuação. Para Macêdo (2011, p. 122), “a implicação está ligada ao ato de autorização, enquanto competência para se autorizar, fazer-se autor de si próprio”. Assim, entende-se a implicação como um elemento central na produção de novos conhecimentos, colaborando para a (auto)formação dos praticantes culturais que participam da pesquisa.

Como resultado, os praticantes culturais, aqui se inclui aqueles que se identificam pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, se autorizaram nas/pelas ambiências digitais, produzindo vídeos no *Tik Tok* e elaborando postagens no *Canva* para a publicação na página da rede social *Instagram*, denominada de *@juntos_e_diferentes*, o que possibilitou discutir a respeito de pautas engessadas referentes à identidade de gênero e orientação sexual.

Este artigo situa-se no campo dos estudos pós-críticos sobre currículo, com ênfase nos estudos culturais e na filosofia da diferença (PARÁISO, 2023). Nesse contexto, propõe rupturas em relação ao currículo tradicional, que historicamente silenciou e invisibilizou identidades LGBTQIAPN+. O trabalho busca investigar como a construção de atos de currículo, fundamentada no uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), pode promover um currículo da diferença na escola básica brasileira.

Desse modo, o artigo também procura compreender de que maneira os atos de currículo mediados pelas TDICs podem se configurar como formas de resistência, ao enfrentar silenciamentos e reafirmar a diferença no contexto escolar, amplificando as vozes de discentes LGBTQIAPN+.

O artigo está estruturado em cinco seções principais. A primeira, intitulada “Primeiras Tessituras”, apresenta a temática do estudo, bem como alguns dos conceitos fundamentais que a sustentam. Essa introdução é complementada por um breve relato que aborda a escolha do tema, sua relevância, os objetivos, o problema de pesquisa e a metodologia adotada.

Na segunda seção, denominada “Silenciamentos Curriculares: a invisibilidade da questão LGBTQIAPN+ no currículo”, discute-se os silenciamentos impostos pelo currículo escolar tradicional, destacando a urgência de se construir um currículo que valorize a diferença.

A terceira seção, intitulada “Metodologia da pesquisa: um mergulho no cotidiano”, detalha a adoção da pesquisa-formação na cibercultura como abordagem metodológica. Tal escolha, por se desvincular de padrões preestabelecidos, prioriza a análise das imagens e narrativas do cotidiano escolar, revelando-se como a alternativa mais apropriada para o estudo.

Na quarta seção, “Atos de currículo na cibercultura: o ecoar das vozes dos estudantes LGBTQIAPN+”, são apresentados dispositivos criados pelos estudantes, que buscam problematizar a questão da diferença no ambiente escolar e nas redes sociais.

Finalmente, a seção “Outras considerações: atos de currículo, cibercultura e diferença” traz reflexões conclusivas e aponta encaminhamentos

do processo investigativo, destacando a importância de um currículo que amplifique as vozes dos estudantes LGBTQIAPN+.

SILENCIAMENTOS CURRICULARES: A INVISIBILIDADE DA QUESTÃO LGBTQIAPN+ NO CURRÍCULO

A escola, imersa nos 'espaçotempos' da cultura digital, ainda se encontra arraigada a uma abordagem curricular tradicional, centrada em uma formação escolarizada voltada prioritariamente para capacitar especialistas que supram as demandas do mercado de trabalho. O formato do currículo permanece inalterado, estruturado em disciplinas e conteúdos organizados hierarquicamente. Nesse modelo, as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática mantêm seu lugar de destaque, posicionadas como pilares do conhecimento científico e escolar. Tal centralidade é corroborada pelas avaliações externas de larga escala, que utilizam essas disciplinas como base para inferir os níveis de aprendizado dos estudantes.

Nesse contexto, o currículo pode ser metaforicamente concebido como uma árvore frondosa: o tronco representaria a filosofia, reunindo o conhecimento em sua totalidade, enquanto os galhos simbolizariam as especializações do saber, conectando as diversas ciências a um núcleo comum. Essa visão implica uma hierarquização do saber como forma de organizar as informações na "árvore do conhecimento" (Gallo, 1995, p. 05).

Na escola pública estadual de Ensino Fundamental e Médio Júlia Seffer, localizada em um bairro periférico da cidade de Ananindeua, Pará, onde realizamos nossa pesquisa-formação no campo da cibercultura, o panorama não era diferente. A direção escolar demonstrava grande preocupação em organizar, junto ao corpo docente, o currículo escolar de acordo com as novas diretrizes do Novo Ensino Médio⁴ e os documentos legais orientadores.

⁴ Lei nº 13.415/2017 que estabeleceu mudanças para a estrutura e a organização do Ensino Médio em todo o país.

Uma preocupação perceptível era capacitar os estudantes do terceiro ano, sujeitos desta pesquisa, para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para a avaliação externa do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que ocorreria no ano seguinte. Nesse contexto, o uso da tecnologia digital em sala de aula restringia-se a facilitar a apreensão de conteúdos disciplinares voltados especificamente para esses exames.

Embora a questão da sexualidade esteja prevista no currículo, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), poucos investimentos têm sido feitos para incluir e fomentar essa discussão. A BNCC é um documento norteador da educação que define os aprendizados essenciais para os estudantes da educação básica, estabelecendo os conhecimentos e habilidades necessários para cada etapa.

Diante disso, surge a necessidade de refletir sobre como seria possível criar fissuras nesse currículo rígido, que prioriza conteúdos formais considerados mais importantes, e promover a discussão de temas como orientação sexual e identidade de gênero. Essas questões, que emergem nos cotidianos escolares como demandas essenciais e cada vez mais urgentes, requerem atenção no espaço formativo.

É sabido que, nos últimos anos, enquanto “educadores-pesquisadores”, temos reivindicado uma escola mais inclusiva, antirracista e antimachista. Alguns avanços têm ocorrido nesse sentido, promovidos por meio de leis que asseguram e legitimam discussões sobre essas pautas⁵. Contudo, essas questões não atravessam as disciplinas trabalhadas na escola, uma vez que, no cotidiano, nos deparamos com um espaço educativo mais preocupado em seguir as orientações da BNCC para desenvolver competências e habilidades relacionadas à compreensão de conhecimentos científicos do que em problematizar discussões sobre temas que valorizem a diferença. Ademais, observa-se pouca

⁵ As Declaração de Salamanca (1994) lançou as bases para uma educação inclusiva. As leis 10.639 e 11.645 regulamentaram o ensino da cultura afrodescendente e indígena nas escolas. A lei Maria da Penha (11.340/2006) criou mecanismos de combate a violência contra a mulher.

discussão sobre orientação sexual e identidade de gênero no âmbito dos conteúdos curriculares.

Mesmo após mais de vinte e cinco anos da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento norteador do currículo escolar lançado em 15 de outubro de 1997, no qual a orientação sexual figura como um dos temas transversais, a escola, contraditoriamente, ainda reforça condutas normatizantes. O currículo formal, salvo algumas exceções, não contempla a questão da sexualidade.

Esse cenário revela que tais temáticas são permeadas por tabus que produzem silenciamentos no espaço escolar, preservando uma lógica heteronormativa que considera a heterossexualidade como o padrão ideal de comportamento sexual. A ausência de discussões sobre a temática LGBTQIAPN+ demonstra como a escola determina implicitamente o tipo de discurso que deseja produzir. Para Foucault (2014, p. 41), “todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que trazem consigo”.

Diante desses desafios, compreende-se que o cotidiano escolar é permeado por diferenças inerentes à sociedade, em que os sujeitos não performam apenas uma identidade de gênero ou orientação sexual. Assim, propomos buscar caminhos para alterar esses discursos calcados na heteronormatividade e, por consequência, produzir discursos e narrativas junto aos estudantes que reconheçam e valorizem as diferenças.

Para tanto, utilizamos as tecnologias digitais ao longo de todo o processo de investigação, problematizando e discutindo a questão LGBTQIAPN+ com os praticantes culturais. Reconhecemos que, embora tais questões não sejam amplamente expressas nos livros didáticos, são urgentes e precisam ser abordadas, contrapondo-se a um currículo silenciador.

Cabe salientar que nos propomos a essa discussão devido à urgência imposta pela questão da LGBTfobia⁶ presente no espaço escolar, que constitui

⁶ Sentimento de ódio ou aversão àqueles que não se enquadram na heterossexualidade.

o lócus desta pesquisa. Esse movimento se intensificou especialmente quando dois estudantes pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, incomodados e indignados com o ecoar de falas homofóbicas proferidas por colegas e até mesmo por um professor, reivindicaram que a escola abordasse essa temática. Eles solicitaram que, em especial na turma à qual pertenciam, fosse promovida uma discussão acerca da questão LGBTQIAPN+, com o objetivo de extirpar qualquer manifestação preconceituosa.

Inicialmente, criamos o grupo de WhatsApp da Turma B para possibilitar a interação, o debate e rodas de conversa sobre a temática da diferença. Esses encontros ocorreram tanto de forma presencial quanto por meio dessa rede social. Contudo, um grupo de estudantes LGBTQIAPN+ e alguns discentes sensibilizados com a questão reivindicaram maior participação na autoria de "pensamentos" e na sugestão de atividades a serem realizadas com a turma. Por esse motivo, foi sugerida a formação de um grupo de WhatsApp separado, distinto do grupo maior que incluía todos os estudantes da Turma B.

Esse novo grupo foi denominado Juntos e Diferentes e, posteriormente, deu origem à página no Instagram com o mesmo nome. A imagem apresentada a seguir foi criada por um aluno LGBTQIAPN+ no contexto da produção de conteúdo para a página @juntos_e_diferentes. Nessa imagem, o aluno apela à sociedade para que não julgue aqueles que não se encaixam no padrão heteronormativo.

Figura 1 - Cartaz da Página @Juntos_e_diferentes



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CytR5EROHyo/?igshid=ZDQwcXpobXBIMnVs>

Com base no exposto, compreendemos a necessidade de um currículo rizomático, que desconstrua hierarquias de conhecimento e possibilite a abordagem de questões que promovam um desencaixe nos conteúdos curriculares, como a questão LGBTQIAPN+. Segundo Santos (2019), o currículo rizomático opera a partir de múltiplas conexões estabelecidas entre os saberes, sem subordinação, ordem ou modelo pré-definido. Esse tipo de currículo resiste às práticas de poder, subverte hierarquias e prioriza conexões transversais, contrapondo-se aos saberes previamente estabelecidos (Santos, 2019, p. 111).

Defendemos uma teoria pós-crítica do currículo, que se apresenta como um movimento de ruptura em relação às teorias críticas e tradicionais, incorporando múltiplas perspectivas teóricas, especialmente as influenciadas pelo pós-modernismo e pelo pós-estruturalismo. De acordo com Paraíso (2023, p. 75), essas teorias incluem o multiculturalismo, os estudos culturais, o pós-colonialismo, os estudos étnicos e raciais, os estudos feministas e de gênero, a teoria queer e o pensamento da diferença. Optamos, portanto, por um currículo pós-crítico, inscrito nos estudos culturais e fundamentado na filosofia da diferença, rompendo com a concepção da ciência moderna, que historicamente negligenciava essas questões.

A pesquisa investe na criação de Atos de Currículo para um Currículo da Diferença, permitindo que estudantes, especialmente os LGBTQIAPN+, contribuam para a construção de novas práticas pedagógicas. Esse currículo é pensado e praticado nos cotidianos escolares, onde os participantes criam e co-criam atos curriculares relacionados às necessidades e urgências dos “espaçotempos” ciberculturais. Dessa forma, afastamo-nos da concepção de currículo restrita a disciplinas, conteúdos e prescrições, adotando a perspectiva do currículo como dispositivo formativo. Esse conceito, cunhado por Macêdo (2011), dialoga com a noção de dispositivo de Foucault. Para Macêdo (2011, p. 44), “o currículo percebido como um dispositivo formativo interfere como um instituinte da formação e deve implicar processos refinados de reflexão, na

medida em que revela e opera com âmbitos referentes à qualidade da formação como experiência humana institucionalizada”.

Concordamos com Corazza (2001), que afirma: “Um currículo é o que dizemos e fazemos... com ele, por ele, nele. É o nosso passado que veio, o presente que é nosso problema e limite, e o futuro que queremos mudado”. Assim, propomos um currículo que dialogue com a diferença, utilizando redes sociais como YouTube, Instagram, WhatsApp e TikTok, além do dispositivo tecnológico Canva. Por meio dessas ferramentas, busca-se questionar discursos hegemônicos sobre sexualidade.

A pesquisa teve início com rodas de conversa, nas quais dois vídeos da plataforma YouTube foram utilizados como dispositivos disparadores de narrativas. O primeiro vídeo, intitulado “Entrevista sobre mortes de homossexuais nos anos 80” (NASCIMENTO, 2020), apresenta uma reportagem da década de 1980. Nesse contexto, pessoas são questionadas sobre o assassinato de vários homossexuais por um maníaco na cidade de São Paulo, em um período marcado por casos de contaminação pelo vírus HIV em todo o país. Durante as entrevistas, observa-se a legitimação e naturalização dessas mortes, com falas que justificam a eliminação de indivíduos fora do padrão heteronormativo. A escolha por esse vídeo, com mais de 40 anos, deve-se ao fato de que, apesar do tempo transcorrido, o Brasil ainda figura como um dos países que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo, conforme dados do *Observatório de Mortes e Violências contra LGBTQI+* (Dossiê 2021, 2022). Esses números evidenciam o persistente desprezo por indivíduos que representam cada uma das letras da sigla.

Figura 2 - Entrevistas sobre Mortes de Homossexuais nos anos 80



Fonte: <https://youtu.be/ofvT3zNoHUg>

Este vídeo deu início à primeira roda de conversa com a “turma B”, nome que utilizaremos para identificar o grupo envolvido na pesquisa para a construção de atos de currículo. Destaca-se que essa entrevista causou espanto entre os participantes culturais e estabeleceu os primeiros diálogos. Nesses diálogos, a turma pôde expressar indignação e também concordância quanto à constatação de que esse tipo de pensamento ainda persiste na sociedade brasileira, mesmo que, em algumas ocasiões, de forma velada.

O segundo vídeo apresentado foi o documentário “(Sobre) Vivências” (Tecno-poéticas, 2018), dirigido por Leônidas Taschetto e Gabriel Celestino, fruto do Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação-Tecno-poéticas. No documentário, quatorze pessoas compartilham suas trajetórias de vida marcadas pela descoberta de sua sexualidade, pelos preconceitos enfrentados em relação à identidade de gênero e à orientação sexual, e por integrarem a população LGBTQIAPN+. O título do documentário, de caráter ambíguo, relaciona-se tanto ao verbo “sobreviver” (no sentido de resistir) quanto ao verbo “viver”, permitindo uma reflexão sobre a necessidade de questionar as imposições culturais relacionadas a gênero e sexualidade.

A escolha por esse vídeo se justifica por retratar jovens e adultos narrando os desafios enfrentados diariamente para “sobreviver” em uma sociedade marcada pelo preconceito. Ele foi o ponto de partida para a segunda

roda de conversa, que gerou uma comoção entre os estudantes, profundamente sensibilizados pelos relatos apresentados.

Durante essas rodas de conversa, discutimos de que forma a imposição de um padrão pode ser prejudicial àqueles que não se adequam a ele. O vídeo proporcionou um espaço acolhedor para os estudantes LGBTQIAPN+, que se sentiram abraçados ao abordar temas como orientação sexual e identidade de gênero, nunca antes discutidos em sala de aula. Alguns deles, pela primeira vez, sentiram-se livres para expressar publicamente sua sexualidade de forma espontânea.

Figura 3 - Documentário “Sobre Vivências”



Fonte: Os autores (2022)

Ao utilizarmos vídeos do YouTube em rodas de conversa e, posteriormente, criarmos conteúdos no *TikTok* e cartazes no *Canva*, por exemplo, acessamos uma linguagem que problematiza a diferença e dialoga diretamente com os jovens permanentemente conectados ao ciberespaço.

Refletindo sobre o currículo como algo que "fala", entende-se que ele comunica intencionalmente aquilo que deseja transmitir (Corazza, 2001, p. 9-10). Essa intencionalidade também se manifesta no que deve ser ocultado, ou seja, nos temas que não podem ser abordados no ambiente escolar. Nesse contexto, não há neutralidade no currículo escolar, uma vez que ele reflete discursos, posicionamentos, relações de poder, valores, saberes, bem como projetos políticos e visões de sociedade. Para Paraíso,

Currículo é também documento disputado que sintetiza jogos políticos de poder e alianças provisórias sobre o que ensinar. É aquilo que as professoras fazem no cotidiano de sua sala de aula no encontro com estudantes e suas culturas. É um texto étnico e racial que pode colonizar ou efetivar estratégias de descolonização. É uma linguagem que produz sujeitos, constrói identidades ou produz subjetividades (Paraíso, 2023, p. 10).

O pensamento da diferença no campo curricular parte da premissa de que o currículo é concebido tanto no momento em que começa a ser pensado quanto quando é experimentado. Nesse sentido, realizamos experimentações no lócus de nossa pesquisa, utilizando práticas como rodas de conversa, sessões de cinema, elaboração de vídeos e criação de cartazes.

Segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari, há uma ética da experimentação que articula currículo e desejo. Esse conceito conecta-se à “ética da hospitalidade incondicional” proposta por Jacques Derrida, que implica acolher a diferença sem emitir julgamentos. Além disso, relaciona-se à “ética do cuidado de si”, de Michel Foucault, que critica o conformismo aos padrões impostos e considera o currículo um campo de lutas para se pensar a diferença (Paraíso, 2023, p. 126).

Destacamos também a potência da cibercultura na contemporaneidade, onde o uso da tecnologia transcende a função de um mero instrumento técnico-educativo facilitador da aprendizagem. A escola, nesse contexto, é atravessada pelo ciberespaço de maneira ubíqua, incluindo os educadores e educandos - ou seja, seus praticantes culturais. Conforme Macêdo (2017, p. 114), a chegada das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) aos cenários educacionais força o campo do currículo e as práticas curriculares a lidarem com as mediações estruturantes que essas tecnologias implementam, além de considerar a natureza do contexto cultural e sociopolítico que elas produzem: a cibercultura.

Para esse pensador do campo curricular, ao reconhecermos nossa imersão em um cenário cibercultural característico da contemporaneidade - e, portanto, a presença dessas tecnologias na escola -, entendemos que elas

fomentam novos processos formativos. Esses processos são capazes de estruturar possibilidades curriculares alinhadas às demandas socioculturais. Com base nesse pensamento, ao longo de um ano letivo, utilizamos as TDICs para expandir o processo formativo e transbordar os limites das ambiências escolares.

Outro ato de currículo desenvolvido nesta pesquisa-formação foi o "Cine da Diferença", direcionado aos educandos. Durante essa atividade, exibimos diversos filmes, incluindo "Hoje Eu Quero Voltar Sozinho". A escolha desse filme foi sugerida pelos próprios estudantes, conforme demonstrado na conversa abaixo, extraída de um grupo na rede social WhatsApp.

Figura 4 - Conversa sobre o Cine da Diferença



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Entre os filmes sugeridos, a produção nacional *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* foi consenso para ser exibida em sala de aula como a primeira opção entre os jovens que integravam o grupo de WhatsApp "Juntos e Diferentes". O

filme brasileiro, classificado como romance/drama e lançado em 2014, narra a história de Leonardo, um aluno cego que enfrenta os desafios típicos da adolescência, como as inseguranças, a descoberta do amor e da sua orientação sexual. Além disso, ele precisa lidar com uma mãe superprotetora, o bullying relacionado à sua cegueira e a homofobia, enquanto se apaixona por Gabriel, um colega de sala.

Figura 5 - Filme “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho”



Fonte: Fonte: Acervo pessoal (2022)

Segundo Alves (2015, p. 162-164), as pesquisas sobre os cotidianos partem de indagações acerca de como os conhecimentos são criados a partir das redes que formamos e que também nos formam, possibilitando inúmeras articulações. A autora realiza uma escolha epistemológica que privilegia as redes de conhecimento que valorizam, além da ciência, os conhecimentos comuns, considerados indispensáveis para a humanidade. Essa perspectiva é desenvolvida dentro de uma compreensão rizomática, uma vez que se considera que o pensamento não é arborescente, embora esse tipo de pensamento tenha predominado nas ciências ocidentais em áreas como a filosofia, a biologia, a anatomia e a teologia (Deleuze; Guattari, 2009, p. 25).

Dessa forma, a pesquisa sobre os cotidianos convida a repensar o currículo escolar para além dos limites impostos pelas disciplinas, entendendo-as como resultados de construções históricas e contextuais.

METODOLOGIA DA PESQUISA: UM MERGULHO NO COTIDIANO

Nossa pesquisa é orientada pelo método da "pesquisa-formação" na cibercultura, utilizando uma abordagem multirreferencial dos cotidianos. O objetivo é repensar a docência em uma perspectiva que promova maior interação com os sujeitos por meio de práticas formativas que fomentem e ressignifiquem aprendizagens no ciberespaço. A pesquisa considera que a tríade "implicação-autorização-formação" constitui o cerne de nossa prática educativa.

O conceito de multirreferencialidade, desenvolvido por Jacques Ardoino, professor da Universidade de Paris VIII, fundamenta uma perspectiva teórica que dialoga com a complexidade da realidade e com a interioridade significativa do sujeito observador. Essa abordagem rompe com a disciplinaridade fragmentadora do conhecimento e com o isolamento das ciências. A multirreferencialidade compreende a realidade pela hipótese da complexidade, sugerindo que os objetos de estudo devem ser analisados em sua pluralidade, ou seja, a partir de diversos pontos de vista. Propõe uma teoria educacional em que o objeto é interpretado na relação entre dois sujeitos, abrangendo dimensões filosóficas, antropológicas, sociológicas, políticas e históricas, entre outras. Além disso, destaca-se a implicação do pesquisador com seu objeto de estudo (Barbosa, 1998, p. 11-12).

A multirreferencialidade, ao se distanciar das metodologias tradicionais de cunho positivistas, que são verdadeiros roteiros prescritivos para a pesquisa, nos permitiu criar dispositivos junto aos estudantes, tecendo novos arranjos e composições, prezando pela bricolagem teórico-metodológica. Para Borba (1998) discorre sobre o seu significado,

A multirreferencialidade, enquanto bricolagem, no fazer ciência, define-se, ou compreende-se, por: arranjar-se com o material de bordo, “materiais heteróclitos”; ideia de um peacemealengeneering como regra fundamental das ciências sociais, cujo objeto é infinitamente complexo; em nível da tecnologia das enquetes: a convergência, teórica e prática, emprestada a diversas escolas e teorias, sobre um mesmo objeto, esclarecendo-o, assim, por perspectivas múltiplas (mesmo a sociologia clássica bricola) (BORBA, 1998, p.17-18).

A pesquisa em educação ancorada na multirreferencialidade caracteriza-se por um enfoque qualitativo, demandando o envolvimento do pesquisador com o objeto de estudo, em virtude de sua complexidade. Essa relação pressupõe implicação, autorização, mediações e a criação de dispositivos, além do uso do diário de bordo e da escuta sensível. O objetivo é realizar uma investigação que transcenda a mera confirmação de respostas a hipóteses previamente formuladas. Tal comprometimento manifesta-se quando a pesquisa não se limita a instrumentos como formulários e questionários, mas prioriza a amplificação das vozes dos sujeitos envolvidos. A escuta sensível, conforme definida por Barbier (2002), é exercida em conversas informais, rodas de conversa e interações via redes sociais, como no WhatsApp. Nesse contexto, foi criado o grupo “Juntos e Diferentes” (que posteriormente inspirou o nome de uma página no Instagram), no qual, em colaboração com os estudantes, foram discutidas e sugeridas ideias, como a seleção de filmes para debates em sala de aula. Esse espaço coletivo permitiu pensar de forma colaborativa em atos de currículo que promovem um “currículo que transborde a diferença”.

Na metodologia da pesquisa-formação na cibercultura, o processo de “ensinopesquisaaprendizagem” fundamenta-se no compartilhamento de narrativas, imagens, percepções e problemas, todos mediados pelo uso de interfaces digitais, consideradas dispositivos dessa abordagem metodológica. Nesse modelo, o professor analisa a sua realidade de forma implicada, desenvolvendo a pesquisa em concomitância com sua prática pedagógica. Segundo Santos (2011, p. 100), “a pesquisa-formação inclui um conjunto de atividades extremamente variadas, seja do ponto de vista da área de estudo à

qual pertencem os pesquisadores, seja do ponto de vista do contexto de atuação.” O autor acrescenta: “Enfim, do ponto de vista dos objetivos que desejamos alcançar, pois a pesquisa-formação multirreferencial não separa a prática pedagógica da pesquisa acadêmica.” Nesse cenário, destaca-se a figura do professor-pesquisador, que interfere na realidade pesquisada ao mesmo tempo em que é influenciado por ela, estabelecendo uma relação dialógica com o objeto de investigação. Para Freire (2011),

Penso que o intelectual tem de percorrer o caminho inverso: partir da realidade, da ação cotidiana, do povo e de nós mesmos, pois nós estamos imersos numa cotidianidade, refletir sobre essa ação cotidiana e, então, ir criando ideias para compreendê-la. E essas ideias já não serão mais ideias-modelo, serão ideias que irão se fazendo com a realidade (Freire, 2011, P. 59).

Por meio das tessituras das narrativas acadêmico-científicas e das narrativas extraídas do cotidiano, foi construída a metodologia deste estudo, abolindo-se a dicotomia entre pesquisador e objeto, ou entre pesquisador e sujeitos da pesquisa. Na pesquisa-formação, o pesquisador implica-se com os sujeitos e com o objeto de estudo, isto é, com o campo de pesquisa. Conforme Santos (2019), “optamos por uma concepção de pesquisa baseada na implicação do pesquisador com o campo de pesquisa, construindo, juntamente com os sujeitos envolvidos, o conhecimento e o próprio método”.

Dessa forma, a itinerância da pesquisa ocorre enquanto professores-pesquisadores-formadores imbricam-se no espaço pesquisado. Ela desenvolve-se no cotidiano da docência, em que orientador e orientanda articulam o currículo escolar para que ele se realize em outros ‘espaçotempos’ de aprendizagem, utilizando dispositivos on-line, dialogando com a diferença e alterando discursos cristalizados sobre identidade de gênero e orientação sexual. Segundo Alves (2019, p. 43), “esses ‘espaçotempos’ de escola, que precisam ser de conhecimento dos/com os outros diferentes de nós, em meio a uma convivência democrática, estão passando a ser, em muitas escolas, de

isolamento e, portanto, de ignorância das características culturais diversas que compõem o povo brasileiro e sua história”. A autora também destaca a necessidade de trabalhar os ‘conhecimentossignificações’ que possibilitem discutir, na escola, a história e a cultura dos povos que nos antecederam.

Ao longo desta pesquisa, buscou-se suscitar, na escola, a luta por um currículo da diferença, com o objetivo de desconstruir discursos impregnados pela cisheteronormatividade. Retomamos Foucault (1996), que identificava no discurso a possibilidade de resistir às metanarrativas da ciência moderna, as quais se consolidavam na criação de verdades absolutas – uma característica contestada pela pós-modernidade. Assim, para Foucault (1996, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Lutamos e resistimos, ao longo desta investigação, para consolidar novas possibilidades curriculares.

ATOS DE CURRÍCULO NA CIBERCULTURA: O ECOAR DAS VOZES DOS ESTUDANTES LGBTQIAPN+

Nesta seção, vamos apresentar três dispositivos autorais, em sua maioria, criados pelos estudantes, da Turma B, resultado desse processo de ‘*implicaçãoautorizaçãoformação*’ que possibilitaram a construção da página do Instagram @juntos_e_diferentes.

Figura 6 - QR Code da página @Juntos_e_Diferentes



Fonte:

https://www.instagram.com/juntos_e_diferentes?igsh=MTU4YmZwbHF3cHAwOA%3D%3D&utm_source=qr

Apresentaremos, a seguir, três das criações de vídeos e cartazes que abordam a temática da sexualidade. Embora tenhamos discutido, durante nossas reuniões, as diferenças conceituais e enfatizado que nosso trabalho não se concentraria na LGBTfobia, no respeito ou na aceitação (por entender que esses enfoques atribuem valores a padrões de comportamento, como se houvesse um padrão superior aos demais), algumas produções ainda se aproximaram da perspectiva da diversidade. Essa escolha, contudo, de forma alguma desmerece as construções dos dispositivos elaborados pelos estudantes.

Ao longo do processo, inúmeras sugestões e orientações foram oferecidas para a construção dos dispositivos, mas incentivamos os participantes a produzirem com o menor grau possível de limitações. O objetivo era que as criações refletissem seus desejos, angústias e formas de resistência frente à sociedade heteronormativa, permitindo que os estudantes se "autorizassem" nesse processo criativo.

Cada produção foi concebida a partir de interações diversas, como conversas no WhatsApp, encontros presenciais, trocas nas redes sociais, pesquisas realizadas na plataforma Google e em outros sites. Esses espaços colaborativos permitiram que nossos praticantes culturais se "autorizassem" e expressassem suas vivências e perspectivas por meio das produções. Ardoíno (1998) destaca, nesse contexto, a relevância do conceito de "autorização", reforçando a importância desse processo para a validação subjetiva das experiências.

De certa forma, uma das finalidades da educação (escolar, profissional, familiar, social) poderia heurísticamente ser definida como a contribuição de todos aqueles que exercem essa função, segundo o que cada um de seus parceiros em formação (crianças, adultos, alunos, estudantes, formandos etc.) possa progressivamente conquistar, adquirir, constituir, desenvolver nele a capacidade de se autorizar, quer dizer, de acordo com a etimologia, de se fazer, de se tornar seu próprio autor (Ardoíno, 1998, P.31).

As produções serão descritas em ordem aleatória, sem indicação de seus autores e sem hierarquização de importância. Isso se deve à crença de que todas as produções têm igual relevância para repensar o currículo escolar arborescente, a partir de uma perspectiva rizomática e orientada pela diferença. Essa versão preserva os termos técnicos, elimina redundâncias e melhora a clareza estrutural, mantendo o sentido original.

Produção 01: Leve-me à igreja

Nossa primeira produção para a página @juntos_e_diferentes foi um vídeo embalado pela música *Take Me to Church* (Leve-me a igreja, na tradução para a língua portuguesa), do cantor irlandês Hozier, que mesmo não sendo membro da comunidade LGBTQIAPN+ se tornou um ativista da causa. Na conversa, abaixo, nosso praticante cultural, nos informa sobre a criação do vídeo e da linguagem do mesmo voltado para o público jovem.

Figura 7 - @biel_ss4 informando sobre a criação do primeiro vídeo.



Fonte: Acervo Pessoal (2022)

A canção escolhida para compor o vídeo, segundo o estudante, foi intencionalmente utilizada para criticar as instituições religiosas, abordando uma igreja que, embora exija que as pessoas se "curem" de suas "doenças", não é capaz de perdoar ou absolver. Essa crítica revela a hipocrisia associada aos padrões de comportamento socialmente aceitos, refletindo uma semelhança com a própria escola. A música alude ao cenário contemporâneo em que muitas igrejas evangélicas pregam a chamada "cura gay".

O vídeo inicia-se com um frame que apresenta uma afirmação seguida de reticências: "Por mais que essas pessoas LGBTQs tenham feito tanto pela nossa história, o mundo continua assim...". Nos frames subsequentes, aparecem imagens de personalidades LGBTQIAPN+ que marcaram a história da humanidade, tais como: (1) Virgínia Woolf (escritora inglesa), (2) Cazuza (cantor brasileiro), (3) Cássia Eller (cantora brasileira), (4) Freddie Mercury (cantor britânico), (5) Oscar Wilde (escritor irlandês), (6) Nietzsche (filósofo), (7) Frida Kahlo (pintora mexicana), (8) Fernando Pessoa (poeta português), (9) Alan Turing (cientista da computação).

Após essas imagens, dois frames apresentam notícias. O primeiro aborda a castração química de Alan Turing em razão de sua homossexualidade. O segundo menciona o caso de um jovem que cometeu suicídio após ser exposto na internet por ser LGBTQIAPN+. Nos frames finais, o vídeo tece uma crítica à sociedade, com um foco especial na preocupação com a reeleição do ex-presidente Jair Bolsonaro, amplamente conhecido por suas declarações homofóbicas veiculadas pela mídia.

Figura 8 - Personalidades LGBTQIAPN+ que marcaram a história da humanidade



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CocjF5Zg5pV/?igshid=MzRlODBiNWFlZA==>

No vídeo, o estudante procurou ressaltar o quanto inúmeras personalidades LGBTQIAPN+ desempenharam um papel importante na ciência, literatura, filosofia, música e artes. Ele destacou também a necessidade de os jovens terem referências que escapem de uma identidade masculina, branca e heterossexual, que frequentemente silencia outras orientações sexuais e identidades de gênero que não se enquadram nesse perfil.

Observa-se que o currículo escolar, em geral, não valoriza outras identidades. Ou seja, não há uma naturalização de corpos que não sejam cisgêneros ou que possuam outras orientações sexuais. Por exemplo, nos livros de história, não é comum encontrar "heróis" transgêneros, gays ou lésbicas sendo estudados. Foge-se da norma ao considerar essas figuras menores ou inadequadas para ocupar posições de destaque, como heróis, escritores, cientistas, filósofos ou músicos.

Nesse contexto, destaca-se a relevância das redes sociais e da internet para os praticantes culturais, ao fornecerem informações que normalmente não estariam disponíveis no ambiente escolar. Segundo Pretto (2017, p. 43), "o grande mérito da internet foi desorganizar e possibilitar que as informações estivessem disponíveis a todos, sem a mediação de um único editor, todo poderoso".

Produção 02: Famosos LGBTQIA+

Uma dupla de praticantes elaborou os cartazes, utilizando o dispositivo Canva, sobre o tema "Famosos LGBTQIA+: personalidades da mídia que fazem parte da comunidade". Os cartazes apresentaram personalidades do Brasil e do mundo que são parceiros na luta pela causa, reafirmando a importância da diferença ao tornarem pública sua orientação sexual e identidade de gênero. Os educandos responsáveis por essas produções contaram com as sugestões coletivas do grupo de WhatsApp "Juntos e Diferentes", tanto na escolha do design quanto na seleção das personalidades que ilustrariam os cartazes⁷.

A produção apresenta, no cartaz inicial da série de posts, o colorido da bandeira LGBTQIAPN+, cujas cores remetem ao arco-íris. Cada cartaz contém a foto de uma personalidade, acompanhada de sua ocupação, orientação sexual e um pequeno trecho de textos extraídos da internet com informações sobre essa sexualidade. Nesse processo de "autoriação", os educandos, conforme Louro (2023), naturalizam a diferença ao questionarem certezas e a universalização do conhecimento, o que suscita novas formas de pensar a sexualidade.

Os estudantes buscaram inspiração para suas criações em páginas de redes sociais, como as já mencionadas: @universolgbti, @aliançalgbti e @abglt.oficial, que oferecem conteúdos informativos e formativos sobre a

⁷É válido ressaltar que os educandos preferiram fazer uso da sigla antiga como contestação ao aumento indefinido de letras na sigla, justificando que o "+" já engloba outras variações que possam existir.

comunidade LGBTQIAPN+. De acordo com Pretto (2017), nessas autorias, ao se apropriarem das tecnologias para produzir conhecimento, os estudantes passaram a dialogar com outros saberes, deixando de ser meros receptores de informações.

A produção foi dividida em dois momentos: o primeiro dedicado a personalidades internacionais, como Miley Cyrus (atriz e cantora) e Hunter Schafer (atriz, modelo e ativista); e o segundo voltado para personalidades brasileiras, incluindo Nanda Costa (atriz), Iza (cantora), Marco Pigossi (ator) e Jão (cantor).

Figura 9 - Cartazes Famosos LGBTQIA+: personalidades da mídia internacional



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cp1JTgzrmYx/?igshid=MTI0cnlzMDJhc3Q4cA==>

Figura 10 - Cartazes Famosos LGBTQIA+: personalidades da mídia internacional



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CpTh4V8OEJ9/?igshid=cjQ1ZmduZ3hxYXht>

Produção 03: Artistas que perturbam os padrões de gênero.

A escolha da música “Não Recomendado”, composta por Caio Prado e interpretada pela cantora Mart’nália, assumidamente lésbica, pelos nossos praticantes culturais, foi feita com clara intencionalidade, considerando que ambos os artistas são homossexuais. A canção serve como pano de fundo para os dois praticantes, responsáveis por esta produção, destacarem artistas que questionam e desafiam os padrões de gênero, contrapondo-se à imposição, pela sociedade, do padrão cisheteronormativo. Este padrão costuma interpretar como desvio de caráter ou doença qualquer manifestação que se desvie da norma heterossexual. As estrofes escolhidas para compor este dispositivo

abordam discursos relacionados a orientações sexuais e identidades de gênero que não se enquadram na norma cisheterossexual.

Figura 11 - Trecho da música “Não recomendado”



Fonte: Acervo Pessoal (2023)

A autoria foi idealizada por dois dos nossos praticantes, sendo que apenas um ficou encarregado da elaboração do vídeo devido à sua maior habilidade nessa área. Personalidades famosas LGBTQIAPN+ do mundo contemporâneo foram selecionadas como referências para os jovens. Todos os artistas escolhidos possuem páginas no Instagram com milhares ou milhões de seguidores.

A página *@rita_von_hunty*, do ator, professor, drag queen e youtuber brasileiro Guilherme Terreri, mais conhecido como Rita Von Hunty, conta com 1,1 milhão de seguidores. O cantor brasileiro Johnny Hooker administra a página *@johnnyhooker*, que possui 443 mil seguidores. A cantora e compositora brasileira Liniker, a primeira artista transexual a ganhar um Grammy Latino, tem 1,2 milhão de seguidores em sua página oficial (*@linikeroficial*).

O cantor e compositor Ney Matogrosso (*@neymatogrosso*), considerado pela revista americana *Rolling Stone* como a terceira maior voz brasileira, reúne cerca de 1,1 milhão de seguidores. Já o músico britânico Sam Smith (*@samsmith*), conhecido por suas diversas premiações no cenário musical,

acumula 14,6 milhões de seguidores. O rapper americano Lil Nas X (@lilnasx) possui 11,1 milhões de seguidores em sua conta oficial. Por fim, a cantora e drag queen brasileira Pablu Vittar (@pablovittar) reúne um expressivo público de 12,5 milhões de seguidores.

Esses artistas foram escolhidos por serem grandes referências para a população LGBTQIAPN+ e por sua representatividade na luta pelos direitos da comunidade. Ao afirmarem suas sexualidades em contraposição à heteronormatividade, eles contribuem significativamente para a naturalização das diferenças e para o avanço da causa.

Figura 12 - Artistas que perturbam os padrões de gênero



Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CoZtTZGAp5/?igshid=MTRyZTBpbTnnM2Rzaw==>

OUTRAS CONSIDERAÇÕES: ATOS DE CURRÍCULO, CIBERCULTURA E DIFERENÇA

Tecer um movimento de resistência LGBTQIAPN+ na escola básica brasileira deveria ser compromisso de todos os envolvidos na educação, uma vez que educar significa assumir um compromisso ético, político e social com os estudantes. Tal compromisso deve ser pautado por uma educação antirracista, anti-LGBTfóbica, antimachista, antimisógina, antisexistista, inclusiva e anti-intolerância religiosa, em que a diferença seja celebrada, e rótulos e estigmas sejam dissolvidos.

Contudo, contraditoriamente, a escola, enquanto espaço de construção e reconstrução de saberes, encontra-se frequentemente imbricada em discursos cristalizados que reforçam padrões hegemônicos de comportamento, validando-os por meio de uma lógica binária de certo e errado. Nesse contexto, desenvolver esta pesquisa tornou-se um desafio significativo em uma sociedade que frequentemente exclui o diferente. Buscamos, porém, contrariar discursos excludentes ao promover, por meio de atos de currículo, uma educação que valorize a diferença e permita que vozes historicamente silenciadas se autorizem a criar práticas pedagógicas que transcendam os limites do espaço escolar.

Durante o processo de investigação, analisamos como a construção de atos de currículo mediados pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) poderia fomentar um currículo da diferença na escola básica brasileira. O objetivo foi compreender de que maneira essas práticas poderiam constituir formas de resistência ao silenciamento e de promoção de visibilidade para jovens LGBTQIAPN+ no contexto escolar.

A pesquisa foi fundamentada na metodologia de pesquisa-formação na cibercultura, com uma abordagem multirreferencial voltada para os cotidianos escolares. Essa perspectiva permitiu-nos, enquanto educadores, refletir sobre nossas práticas curriculares no cenário sociotécnico contemporâneo, em que os estudantes, mesmo aqueles provenientes de camadas populares, vivenciam o

ciberespaço de forma rotineira, frequentemente conectados às redes sociais por meio de smartphones. Como professores-pesquisadores-formadores, reconhecemos que não podemos nos manter alheios a essa nova fase da cibercultura. A metodologia escolhida possibilitou integrar as vivências escolares com a cultura contemporânea, mudando o foco do conceito de "diversidade" para o de "diferença", com ênfase na problematização de questões relacionadas à sexualidade.

Embora tenha sido identificado que os estudantes apresentaram dificuldades para abandonar uma perspectiva liberal de diversidade - evidenciada na elaboração dos dispositivos pedagógicos, que ainda se concentraram no combate ao preconceito e na busca por respeito e aceitação - observamos avanços significativos ao discutir e questionar a heteronormatividade como padrão hegemônico. Reconhecemos, entretanto, que o alcance deste estudo foi limitado a uma única turma de 3º ano do Ensino Médio, não abrangendo a escola como um todo. Ainda assim, consideramos um avanço significativo a possibilidade de discutir essas temáticas em sala de aula, especialmente em um ambiente marcado por tabus que frequentemente impedem a abordagem de questões relacionadas à sexualidade.

A cibercultura revelou-se um elemento central nesse processo investigativo, destacando a importância das tecnologias digitais na construção de novas práticas educativas. Apesar das resistências, promovemos atos de currículo que problematizaram questões LGBTQIAPN+ em sala de aula, incentivando os estudantes a questionar padrões rígidos de sexualidade. Isso foi realizado por meio do uso de redes sociais como YouTube, Instagram e TikTok, além da construção de dispositivos autorais para serem compartilhados nessas plataformas.

Por fim, ao implementar atos de currículo em uma turma de 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública, possibilitamos que as vozes dos estudantes LGBTQIAPN+ ecoassem para além do espaço físico escolar, utilizando as redes sociais como ferramenta para fomentar um currículo da diferença.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez, 2019.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (coord.). *Multirreferencialidade nas ciências sociais e na educação*. São Carlos: UFSCar, 1998.

BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2002.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org). *Multireferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: UFSCar, 1998.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves (org). *Reflexões em torno da abordagem multirreferencial*. São Carlos: EdUFSCar, 1998.

CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Paz e Terra, 2018. 1. ed.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed.34, 2009. Coleção TRANS.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org). *Nilda Alves: Praticantes pensantes de cotidianos*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GALLO, Sílvio. *Conhecimento, Transversalidade e Currículo*. Reunião anual da ANPED, 1995.

KINCHELOE, Joe L. Introduction: The power of the bricolage: expanding research methods. In: KINCHELOE, Joe L.; BERRY, Kathleen S. *Rigour and complexity in educational research: conceptualizing the bricolage*. Two Penn Plaza: Open University Press, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 8. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Currículo: campo, conceito e pesquisa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017. 7. ed. atualizada.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Atos de currículo e formação em ato: para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação*. Ilhéus: Editus, 2011.

MORTES e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2021 / Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). - Florianópolis, SC: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2022.

NASCIMENTO, Luiz Hp. Entrevista sobre mortes de homossexuais nos anos 80. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ofvT3zNoHUg>. Acesso em: 04 abr. 2022.

PARAÍSO, Marlucy Alves. *Currículo: teorias e políticas*. Coleção Educação na Universidade. São Paulo: Contexto, 2023.

PRETTO, N.D.L. *Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões* [online]. Salvador: EDUFBA, 2017. ISBN: 978-85-232-2019-8. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788523220198>.

SANTOS, Edméa. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Teresina: EDUFPI, 2019.

SANTOS, Igor Alexandre de Carvalho. O que pode um currículo rizomático? *Revista Periferia*, v. 11, n. 4, set./dez. 2019.

SANTOS, Rosemary dos. *A tessitura do conhecimento via mídias digitais e redes sociais: itinerâncias de uma pesquisa-formação multirreferencial*. 2011. 229 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TECNOPOÉTICAS, Grupo de Pesquisa Psicologia e Educação. *Sobre Vivências: documentário LGBT*. Auarart Filmes - YouTube, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/3HpfRWEYVqM>. Acesso em: 04 abr. 2022.

Recebido em: 15/07/2024

Aprovado em: 07/12/2024

Publicado em: 16/12/2024